

Tarde

de Olavo Bilac

por Daniel da Silva Moreira



AOL

Análise de Obras Literárias



POLIEDRO
SISTEMA DE ENSINO

EXPEDIENTE



Coleção AOL

Copyright © Editora Poliedro, 2021.
Todos os direitos de edição reservados à Editora Poliedro.
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal,
Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Autoria: Daniel da Silva Moreira

Direção-geral: Nicolau Arbex Sarkis

Gerência editorial: Emília Noriko Ohno

Coordenação de projeto editorial: Bruna
Mayra Vieira da Conceição

Edição de conteúdo: Julia da Rosa Silva

Analista editorial: Débora Cristina Guedes

Gerência de design e produção editorial:
Ricardo de Gan Braga

Coordenação de revisão: Renata Ultramarí

Revisão: Eliana Marília G. Cesar, Leticia Borges,

Paulo V. Coelho e Sara de Jesus Santos

Coordenação de arte: Kleber de Messas

Diagramação: Cláudia Carminati

Ilustração: Vanessa Alexandre

Projeto gráfico e capa: Kleber S. Portela

Coordenação de licenciamento e iconografia:
Leticia Palária de Castro Rocha

Analista de licenciamento: Margarita Veloso
e Souza

Planejamento editorial: Maria Carolina das
Neves Ramos

Coordenação de multimídia: Kleber S. Portela
Gerência de produção gráfica: Guilherme
Brito Silva

Coordenação de produção gráfica: Rodolfo
da Silva Alves

Produção gráfica: Anderson Flávio Correia,
Fernando Antônio Oliveira Arruda, Matheus Luiz
Quinhones Godoy Soares e Vandrê Luis Soares

Impressão e acabamento: PifferPrint

A Editora Poliedro pesquisou junto às fontes apropriadas a existência de eventuais detentores dos direitos de todos os textos e de todas as imagens presentes nesta obra didática. Em caso de omissão, involuntária, de quaisquer créditos, colocamo-nos à disposição para avaliação e consequentes correção e inserção nas futuras edições, estando, ainda, reservados os direitos referidos no Art. 28 da Lei 9.610/98.

Tarde

de Olavo Bilac



AOL

Análise de Obras Literárias

Tarde

de Olavo Bilac



A um poeta

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica mas sóbria, como um templo grego.

Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Porque a Beleza, gêmea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.

BILAC, Olavo. Poesias. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

Glossário

- **Estéril:** incapaz de dar frutos, de produzir ou criar.
- **Turbilhão:** grande agitação que excita, que contagia, grande massa de pessoas fazendo barulho.
- **Beneditino:** próprio da Ordem de São Bento ou de seus membros, que é feito com extrema dedicação e apuro (paciência beneditina, trabalho beneditino).
- **Claustro:** em convento, galeria coberta, ou com arcadas abertas, em torno de um pátio interior; o conjunto desse pátio com a galeria e, por extensão, convento, mosteiro.
- **Lima:** desgasta com lima, torna polido, perfeito, aprimora.
- **Sóbria:** grave, séria, moderada, contida.
- **Suplício:** aquilo que causa sofrimento, aflição.
- **Andaimes:** estrutura de metal ou madeira sobre a qual trabalham os operários de uma construção.
- **Artifício:** recurso astucioso, artimanha.

O principal e mais popular poeta parnasiano do Brasil, Olavo Bilac combina técnica e elegância no tratamento dos temas caros ao seu tempo e à sua concepção de literatura e estética. Não por acaso, seus poemas seguem entre os mais lembrados da literatura brasileira, mesmo depois de pouco mais de um século de sua publicação e inúmeras correntes estéticas posteriores.

Os trechos da obra reproduzidos nesta análise foram extraídos do livro: BILAC, Olavo. Poesias. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

INTRODUÇÃO ▼

Tarde é o último livro de Olavo Bilac, publicado postumamente, em 1919, mas ainda assim organizado pelo autor em vida, a partir de poemas que ele estava publicando na imprensa, como era de seu costume. O livro, composto por 99 sonetos, estando entre alguns deles os mais importantes e mais lembrados de sua obra, revela um poeta maduro, consciente de sua técnica, mas, muito mais do que isso, conhecedor dos limites da vida humana. O próprio título da obra mostra muito bem como ele se coloca em relação aos outros livros de sua autoria: a tarde é o momento de maturidade, de plenitude, em que os temas desenvolvidos em seus primeiros conjuntos de poemas ganham sua forma definitiva, ainda que predomine o negativismo oriundo do reconhecimento da velhice e do fim de ilusões e sonhos da juventude.

Nesse último volume de seus poemas, é possível encontrar os grandes temas de Bilac e, por conseguinte, do parnasianismo brasileiro. Entre eles, não falta a temática erótica, presente sobretudo na figura feminina, vista como um ser distante, quase uma estátua que se admira. Também há uma forte presença da mitologia em praticamente todos os poemas, algo que permite aos parnasianos manterem sua impassibilidade, visto que o mito está colocado fora do tempo histórico. Tem-se igualmente sonetos de fundo filosófico, que vão versar principalmente sobre o envelhecer, sobre a proximidade da morte, mas que vão ainda discutir, ao lado da maturidade da vida, a maturidade da técnica literária. Em *Tarde*, essa reflexão filosófica assume um caráter marcadamente pessimista e amargo, algo já presente em poemas de conjuntos anteriores de Bilac, mas que se acentua profundamente nessa obra derradeira.

Por fim, tem-se a presença de uma temática nacionalista – ainda que sem arroubos e exageros – que vai louvar o Brasil, sua língua, suas figuras históricas, tudo isso com uma retórica convencional e impessoal.

Além da temática, os poemas de *Tarde* trazem também a dimensão técnica apurada e rigorosa característica dos parnasianos, os defensores da “arte pela arte”. Todos os 99 poemas do livro são sonetos, com preferência absoluta por rimas ricas, ou seja, rimas entre palavras de diferentes classes gramaticais, e compostos empregando versos decassílabos (de 10 sílabas poéticas) ou versos dodecassílabos (de 12 sílabas poéticas), também chamados de alexandrinos.

Finalmente, *Tarde* é o livro em que se pode ler alguns dos poemas mais antológicos de Olavo Bilac, tais como “Pátria”, “Língua portuguesa”, “Dualismo”, “A um poeta”, “Hino à tarde”, “Consolação” e “Cleópatra”.

SOBRE O AUTOR ▼

Pequena biografia do autor



BILAC OLAVO
AVTO BILAC

OLAVO BILAC
OLAVO BILAC
OLAVO BILAC

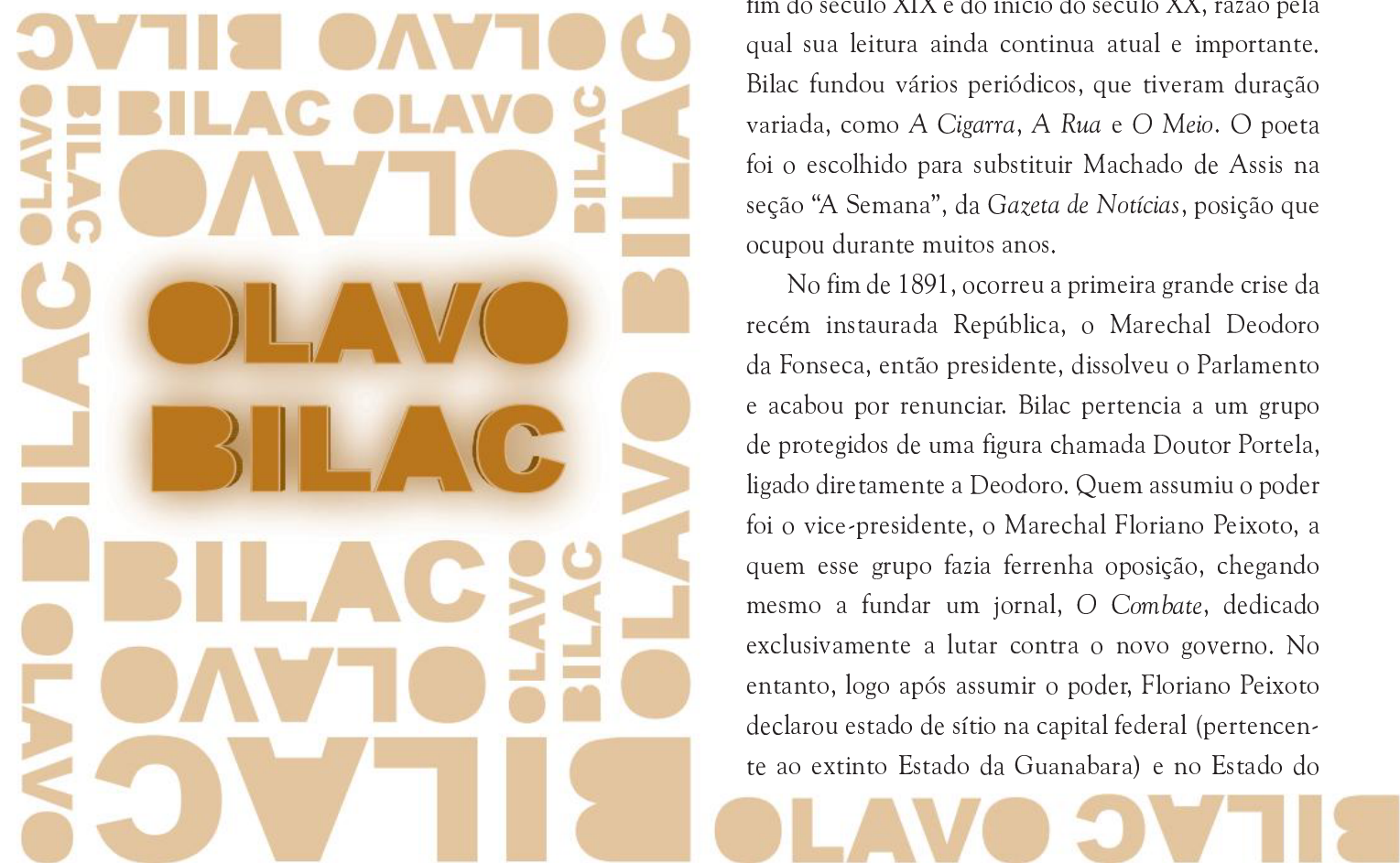
OLAVO BILAC


Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac nasceu no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, em 16 de dezembro de 1865, filho de Braz Martins dos Guimarães Bilac, médico, e de Delfina Belmira dos Guimarães Bilac. Após ter feito os estudos primários e secundários, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro com apenas 15 anos, pensando em seguir a carreira do pai; porém, não chegou a concluir essa formação, que abandonou no 4º ano. Em seguida, tentou cursar direito em São Paulo, mas dessa vez não passou do 1º ano de estudo. Nesse período, já havia começado sua atividade na imprensa, especialmente na *Gazeta Acadêmica*, trabalho que o interessava e absorvia muito mais do que seus estudos. Bilac trilhou um caminho profissional bem diferente daquele previsto por sua família: no lugar de herdeiro do consultório do pai e de uma vida burguesa estável e prestigiosa, abraçou a vida instável e indisciplinada da literatura. O poeta foi grande frequentador das rodas literárias e boêmias do Rio de Janeiro, um ambiente bastante diverso daquele da burguesia de que provinha sua família. Todavia, pouco a pouco, conquistaria

também um lugar de prestígio na cultura e na política nacional. Sua atuação e seu sucesso como jornalista, além dos contatos com intelectuais e políticos que adquiriu no dia a dia da profissão, garantiram-lhe um cargo público como inspetor escolar, o que proporcionou estabilidade financeira e respeitabilidade social para o poeta no curso de sua vida.

Bilac estreou como poeta na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, em 31 de agosto de 1884, com a publicação do poema “Nero” (que teve o título modificado em livro para “A sesta de Nero”). Seguiram-se outros poemas, em outros jornais, quase sempre acompanhados de comentários elogiosos de escritores já reconhecidos na época. Aos poucos, Bilac torna-se um literato profissional, produzindo poemas, crônicas, textos para publicidade, livros didáticos e poemas de cunho satírico. Ocupou cargos na redação e na direção de importantes jornais e revistas da capital federal. Suas crônicas, publicadas quase diariamente, eram lidas por milhares de pessoas e refletiam, em grande medida, o essencial dos acontecimentos históricos do fim do século XIX e do início do século XX, razão pela qual sua leitura ainda continua atual e importante. Bilac fundou vários periódicos, que tiveram duração variada, como *A Cigarra*, *A Rua* e *O Meio*. O poeta foi o escolhido para substituir Machado de Assis na seção “A Semana”, da *Gazeta de Notícias*, posição que ocupou durante muitos anos.

No fim de 1891, ocorreu a primeira grande crise da recém instaurada República, o Marechal Deodoro da Fonseca, então presidente, dissolveu o Parlamento e acabou por renunciar. Bilac pertencia a um grupo de protegidos de uma figura chamada Doutor Portela, ligado diretamente a Deodoro. Quem assumiu o poder foi o vice-presidente, o Marechal Floriano Peixoto, a quem esse grupo fazia ferrenha oposição, chegando mesmo a fundar um jornal, *O Combate*, dedicado exclusivamente a lutar contra o novo governo. No entanto, logo após assumir o poder, Floriano Peixoto declarou estado de sítio na capital federal (pertencente ao extinto Estado da Guanabara) e no Estado do



A colorful illustration of a tropical landscape. In the upper left, a palm tree with green fronds and a brown trunk leans over the scene. Below it, several houses with white walls and red roofs are nestled on a hillside. The houses have simple windows and doors. In the foreground, a river flows through a green valley. The sky is a light blue with soft white clouds. The overall style is that of a children's book illustration, with bold outlines and a vibrant color palette.

Rio de Janeiro (cujá capital era Niterói), promovendo também uma caça aos seus opositores, entre eles muitos jornalistas. Foi assim que Olavo Bilac foi preso e passou quatro meses na Fortaleza de Laje, no Rio. Na segunda vez que Floriano Peixoto declarou estado de sítio, em 1892, antes que fosse preso, Bilac “exilou-se” voluntariamente em Minas Gerais, primeiramente em Ouro Preto e mais tarde em Juiz de Fora, e ali permaneceu até que a situação no Rio se acalmasse.

A vida pessoal do poeta possui alguns mistérios. Seu grande amor teria sido Amélia de Oliveira, irmã do poeta Alberto de Oliveira, de quem Bilac ficou noivo, mas com quem não chegou a se casar, por oposição da família da noiva, que temia que Bilac não fosse suficientemente bem estabelecido financeiramente para sustentar uma família. Houve ainda um segundo noivado, com Maria Solika, filha do violinista Francisco Pereira da Costa, esse ainda mais breve que o primeiro e que, igualmente, não se concretizou. A lenda diz que a primeira noiva, Amélia, se manteve fiel a Bilac por toda a vida, nunca tendo se casado e protagonizando uma cena tocante no velório do poeta, quando haveria depositado, sobre seu caixão, uma mecha de seus cabelos como uma forma de despedida. À exceção desses dois envolvimento, Bilac manteve-se solteiro por toda a vida.

Muito importante na trajetória de Bilac é a atividade cívica que desenvolveu ao longo de sua vida, representando o Brasil no exterior e atuando em questões internas. Em 1906, o poeta foi escolhido para ser secretário-geral da III Conferência Pan-Americana, realizada no Rio de Janeiro, naquele mesmo ano. Na Conferência seguinte, que ocorreu em Buenos Aires, no ano de 1910, Bilac representou o Brasil com maestria, destacando-se como um orador brilhante. Autor da letra do Hino à Bandeira, o poeta encabeçou, durante a Primeira Guerra Mundial, uma campanha para o alistamento militar obrigatório, algo que era lei desde 1907, mas que não havia sido colocado em prática. Bilac também educou muitas gerações de brasileiros por meio dos livros didáticos que escreveu e que, somados aos poemas infantis e patrióticos que compôs, tornaram-se presença quase obrigatória nas escolas brasileiras do princípio do século XX, bem como uma marca indelével na memória de diversas gerações de alunos.

Seu reconhecimento como pessoa pública foi crescente. Em 1913, em um concurso lançado pela revista *Fon-Fon*, foi eleito “Príncipe dos Poetas Brasileiros” com vultosa votação, o que demonstra sua popularidade naquele momento.

Olavo Bilac faleceu no Rio de Janeiro em 28 de dezembro de 1918.

O autor e seu período

Por meio dos eventos que marcam sua biografia, é possível ver como Olavo Bilac foi um homem de seu tempo, formando ou refletindo gostos e ideais da sociedade brasileira do fim do século XIX e início do século XX.

O cenário cultural que Bilac encontrou quando começou a escrever seus poemas, em torno da década de 1880, era ainda dominado por vestígios da escola romântica. Esse modo de ver e representar o mundo já se encontrava de tal modo desgastado que, em 1878, Sílvio Romero, o então crítico literário mais respeitado do país, dizia que o Romantismo constituía-se naquele momento num “cadáver, e pouco respeitado”, e Machado de Assis, em 1879, chegou a dizer que a escola podia ser comparada a “um dia que verdadeiramente acabou”. Apesar disso, ainda não estavam instalados em terras brasileiras os movimentos estéticos que viriam substituir o Romantismo, como seria o caso do Parnasianismo (que conviveu também com o Simbolismo, na poesia). A implantação da escola parnasiana no Brasil deveu-se à ação direta de Artur de Oliveira – que foi o principal divulgador do movimento a partir de 1877, quando retornou de uma viagem a Paris – e indireta de Machado de Assis e, ainda, aos livros de Gonçalves Crespo e Luís Guimarães. Nesse cenário de antiromantismo, buscando a ele se contrapor através da busca da objetividade temática e do culto à forma, surge o Parnasianismo. Proveniente de Paris, o movimento deve seu nome às antologias publicadas na cidade, a partir de 1866, com o título de *Parnasse Contemporain*, com poemas de Théophile Gautier, Théodore de Banville, Leconte de Lisle, entre outros. Esses poetas, contrapondo-se aos românticos que lhes precediam, criticavam a subjetividade dessa escola que julgavam falseada e mesmo patética, a falta de rigor formal e, o que era fundamental, o caráter social da poesia romântica, preocupada em se colocar a serviço de causas sociais, o que viam como uma espécie de “rebaixamento” da arte. O volume *Fanfarras*, publicado por Teófilo Dias em 1882, pode ser considerado o primeiro livro realmente parnasiano brasileiro, e, após ele, a corrente contaria com nomes como Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Olavo Bilac, Francisca Júlia, Vicente de Carvalho, entre outros, que estariam no centro das letras brasileiras ao menos até os anos de 1920, somando-se a eles os chamados neoparnasianos, como seria o caso de José Albano, Goulart de Andrade, Martins Fontes, Hermes Fontes, Moacir de Almeida e Amadeu Amaral.

Os parnasianos brasileiros adotaram um código rígido para a composição de seus poemas. Em primeiro lugar, a poética desses autores se baseava na combinação



de objetividade no que diz respeito à temática e em um verdadeiro culto à dimensão formal do texto, um programa claramente oposto àquele que havia sido adotado pelos poetas românticos décadas antes. O soneto foi reabilitado como forma fixa preferencial, quase mesmo obrigatória, depois de ter sido praticamente abandonado pelo Romantismo. Os parnasianos viam na estrutura fixa e rigorosa do soneto um estímulo, tanto à concisão poética quanto à plasticidade da expressão, que deveria comprimir, em um espaço diminuto, um grande número de ideias e sentimentos. Em adição à forma fixa, também adotaram como esquema métrico predominante os versos alexandrinos (de 12 sílabas poéticas) e os decassílabos perfeitos, bem como a rima rica, a rara e a perfeita. Para os poetas parnasianos, a objetividade no tratamento dos assuntos, com a qual tentavam atingir a impassibilidade e a impessoalidade, era mais uma forma de se oporem ao romantismo, visto como extremamente sentimentalista. Além disso, aderem a uma retórica universalista, o que resulta em uma poesia plena de descrições objetivas e impessoais. Dentro de seus valores universais e da pretendida impassibilidade, os parnasianos elegem a Antiguidade Clássica como referencial, valorizando as narrativas mitológicas, o racionalismo dos antigos e seu gosto pelas formas harmônicas e equilibradas. Finalmente, desenvolvem uma poesia de meditação, com temas que deveriam ser profundamente filosóficos, mas que acabam recebendo tratamento superficial. Em termos gerais, assim se constituiu o programa do Parnasianismo brasileiro, ao menos em teoria, uma vez que a crítica desde muito cedo apontou que, a despeito das alegações de impassibilidade diante das emoções, a poesia que de fato escreveram estava, muitas vezes, carregada de paixão e de emotividade. Outro ponto a se pensar, também apontado pela crítica literária, é o apego dos parnasianos à linguagem padrão e às tradições e ao modo como isso pode ter contribuído para dar ao grupo credibilidade e popularidade, visto que isso facilitava muito o entrosamento com o horizonte de expectativas predominante na cultura oficial. Fala-se mesmo em como o universo criado pela poesia parnasiana, repleto de descrições de

vasos de porcelana, salas de mármore, metais preciosos, joias, tecidos finos e afins, representou para as classes dominantes uma versão literária da sua própria prosperidade material e, ao mesmo tempo, para o homem comum, uma imagem a admirar, capaz de fomentar sonhos e fornecer conforto.

Desse modo, a imagem de intelectual que Bilac propõe em “A um poeta” está em total acordo com aquilo que preconiza o Parnasianismo. Em oposição ao poeta engajado, preocupado com causas sociais, Bilac defende um poeta afastado do povo, fechado em seu escritório, criando com apuro e muito trabalho sua poesia, que não deve, de modo algum, sofrer influências externas. E sugere ainda que esse trabalho, que é longo e duro, não deve aparecer para o leitor, o poema resultante deve ser belo e harmonioso como um templo grego, sem que se veja o esforço que foi necessário para construí-lo, como se ele sempre tivesse existido, como se fosse apenas lógico e natural. O que se almeja é a pureza da arte, sem interferências externas, é a “arte pela arte” de que tanto se fala quando se refere ao Parnasianismo. E se, como vimos anteriormente, Bilac teve uma ampla atuação na sociedade de seu tempo, em geral, essa militância não se alastrou em direção a sua obra e o poeta buscou ao máximo manter-se à margem dos grandes acontecimentos políticos e sociais de seu tempo, não se envolvendo, por exemplo, na campanha pela abolição da escravatura e, mais tarde, não refletindo em seus poemas o horror da Primeira Guerra Mundial.

Essa impassibilidade diante da arte, o desejo de que ela não se contaminasse com o mundo exterior, é algo extremamente difícil de conservar. Justamente nesse período da história mundial, a transição entre o século XIX e o século XX, vai-se definir uma nova ordem mundial, é um momento extremamente complexo, fato que ficará mais claro com o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e com as agitações sociais ocorridas na Rússia (iniciadas em 1917). No Brasil e em boa parte do mundo ocidental, nesse ínterim, vivia-se um momento bastante complexo,

marcado pela dualidade de olhares em relação à realidade. Por um lado, havia um clima de euforia advindo do progresso industrial e material e pelo avanço do capitalismo, aumentando o consumo e o nível de urbanização; é um mundo que vive em função do racionalismo e do pensamento científico, que sustentam o avanço tecnológico. Vive-se a chamada *Belle Époque*, e Paris é o centro do mundo, simbolizando todo esse clima de desenvolvimento. Por outro lado, conviviam-se com uma atmosfera de insatisfação, insegurança e pessimismo advindos do aumento de conflitos sociais e da constatação de que o mesmo progresso que levava ao crescimento do consumo também criava hordas de excluídos. Por essa época, os operários começavam a se organizar e a pleitear melhores condições de trabalho e de vida por meio de greves. Os intelectuais se questionavam a respeito dos limites do

sonho propagandeado pela Revolução Industrial e a real capacidade da Razão e da Ciência de responder a todos os problemas da humanidade. No Brasil, especificamente, essa grande dualidade é muito bem representada pela instauração da República, que prometia fazer surgir um país moderno, materializado na transformação da cidade do Rio de Janeiro na “Paris dos trópicos” por meio das reformas de Pereira Passos, das quais Bilac foi um dos grandes entusiastas. Ao mesmo tempo, esse início da República conheceu toda sorte de convulsões sociais, desde os primeiros governos militares marcadamente turbulentos, passando pelas revoltas, como a da Armada (1892-1894), da Vacina (1904) e da Chibata (1910), e ao Bota Abaixo (1904), que empurrou as populações mais humildes do Rio de Janeiro para mais longe do centro urbano, criando as favelas.

A PRODUÇÃO LITERÁRIA ▼

Obras do autor

Poesia

- *Poesias* (1888, esta obra contém: *Panóplias*, *Via-Láctea*, *Sarças de fogo*, *Alma inquieta*, *As viagens*, *O caçador de esmeraldas*)
- *Tarde* (1919, póstumo, posteriormente incluído no volume *Poesias*)

Prosa

- *Crônicas e novelas* (1894)
- *Crítica e fantasia* (1904)
- *Tratado de versificação* (1905, em colaboração com Guimarães Passos)
- *Conferências literárias* (1906)
- *A defesa nacional* (1917)
- *Ironia e piedade* (1916)
- *Últimas conferências e discursos* (1927, póstumo)

Didáticos

- *Livro de composição* (1899, em colaboração com Manoel Bonfim)
- *Livro de leitura* (1901, em colaboração com Manoel Bonfim)
- *Contos pátrios* (1904, em colaboração com Coelho Neto)
- *Poesias infantis* (1904)
- *Teatro infantil* (1905, em colaboração com Coelho Neto)
- *Através do Brasil* (1910, em colaboração com Manoel Bonfim)
- *Pátria brasileira* (1911)

Aspectos gerais da produção literária do autor

Olavo Bilac, ainda que não seja considerado o parnasiano mais “perfeito”, no sentido daquele que melhor encarnou os princípios da corrente estética, é, sem dúvida, o mais lembrado e o mais lido. O poeta começa sua carreira escrevendo poemas bastante convencionais, com descrições ornamentais de temas da Antiguidade grega e romana, que vão ser reunidos em *Panóplias*. É o caso de poemas como “A sesta de Nero”, “O incêndio de Roma”, “O sonho de Marco Antônio”, “Lendo a Ilíada”, “Messalina” e “Delenda Carthago!”, para citar somente alguns títulos. Nesse mesmo volume também é possível encontrar “A morte de Tapir”, poema que trata de um tema indígena, ainda na esteira do que fizeram os poetas românticos.

O caminho do sucesso de Bilac, entretanto, é encontrado a partir dos 35 sonetos que compõem a *Via-Láctea*, seu segundo conjunto de textos, quando abraça finalmente a temática amorosa. Ainda que a exaltação do poeta nesses poemas fuja bastante ao comedimento e à impassibilidade parnasianos, entre eles estão algumas das mais belas e memoradas realizações da poesia brasileira, como é o caso dos sonetos que têm por primeiro verso “Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo” (XIII), “Talvez sonhasse, quando a vi. Mas via” (I), “Sonhei que me esperavas. E, sonhando,” (XII), “Como a floresta secular, sombria” (IV), entre outros. Se a temática não é abordada de modo totalmente fiel ao credo parnasiano, a forma, por outro lado, não poderia ser mais rigorosa, uma vez que todos os sonetos são compostos em decassílabos. Bilac respeita aquilo que diz em “Profissão de fé”, poema que vai escolher como pórtico de suas *Poesias*: “Quero que a estrofe cristalina,/Dobrada ao jeito/Do ourives, saia da oficina/Sem um defeito:”.

Em *Sarças de fogo*, terceiro conjunto de poemas de Olavo Bilac, os temas das duas primeiras coleções se mesclam. Destaca-se o antológico poema “*Nel Mezzo Del Camin...*” (“Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada/E triste, e triste e fatigado eu vinha,”), que busca criar

uma relação de intertextualidade com *A divina comédia*, de Dante, e que, anos mais tarde, será recuperado por Carlos Drummond de Andrade em seu poema “No meio do caminho”, ampliando ainda mais esse jogo de leituras, releituras e citações.

Alma inquieta, acrescentado ao volume *Poesias* a partir de 1902, representa já uma pequena mudança de caminhos na poesia bilaquiana, visto que cede grande espaço a poemas mais longos; não se compõe somente de sonetos. O livro conta ainda com traduções de trechos ou de poemas de outros poetas consagrados, como é o caso de “Romeu e Julieta”, em que Bilac traduz em verso a quinta cena do terceiro ato da peça de mesmo nome, o conhecido episódio da separação dos amantes após sua primeira noite de amor; ou o poema “O cavaleiro pobre”, do russo Aleksandr Púchkin, traduzido provavelmente a partir de uma edição francesa.

As *viagens*, cujo título não poderia ser mais claro, apresenta poemas que tratam de lugares distantes e, como seria de se esperar de um poeta parnasiano, não necessariamente locais por ele visitados, mas espaços pertencentes principalmente à história e ao mito, ou seja, de um modo ou outro temas ligados à tradição. Assim, há poemas com temáticas como as viagens dos fenícios, os caminhos percorridos pelo povo de Israel, as viagens de conquista de Alexandre, o Grande, as conquistas de Júlio César, as invasões bárbaras, as Cruzadas, a chegada dos europeus às Índias e ao Brasil, entre outros.

Finalmente, *O caçador de esmeraldas* é uma tentativa de poema épico sobre os feitos do bandeirante Fernão Dias Paes Leme, escrito em verso alexandrino. O tratamento que Bilac dá ao tema histórico que serve de fundo ao poema é bastante convencional e mostra, melhor do que qualquer outro texto de sua lavra, o quão ideologicamente conservador era o poeta, o que o ajustava de modo perfeito ao ambiente conservador próprio da República Velha.

Todos os conjuntos de poemas citados anteriormente foram coligidos em vida por Bilac no volume *Poesias*. A esse grande conjunto também seria adicionado *Tarde*,

que o poeta havia preparado em seus últimos momentos de vida, mas que foi publicado em livro apenas em 1919, um ano após seu falecimento. *Tarde*, como analisado mais adiante, reúne poemas da maturidade do poeta, constituindo-se quase como um testamento poético, em que Bilac reflete sobre as questões mais pertinentes ao fim da vida.

Resumir a obra de Olavo Bilac em apenas alguns traços é tarefa bastante temerária, quase impossível, mas, de modo geral, é importante lembrar que o poeta e seus pares parnasianos foram guiados em sua produção artística por algumas diretrizes bem simples. Todos eles possuíam uma enorme crença no poder da palavra, sobretudo o da palavra escrita, crença essa que se desdobrava na valorização da cultura, modo pelo qual os parnasianos atuaram nos círculos artísticos, ou seja, pela linguagem, o instrumento de trabalho da literatura, e exclusivamente por meio dela. Os parnasianos acreditavam na força do trabalho e opunham-na ao gênio e à inspiração, e, assim, trabalhar em um verso ou em um poema por dias a fio, vai ser muito mais valorizado por eles do que simplesmente recebê-lo, como se fosse uma

revelação. Para eles, a técnica vem antes de qualquer outro valor e a arte deve servir à arte, sem se deixar contaminar e corromper pelo mundo exterior a ela.

Aspectos gerais da obra analisada

Os poemas de *Tarde*, como já foi dito anteriormente, representam a maturidade de Olavo Bilac, tanto no que diz respeito à idade, o que se vê pelos temas abordados, quanto no que diz respeito à técnica, que se faz ainda mais apurada que nos livros precedentes. O título escolhido para a obra já dá uma clara ideia da atmosfera nela presente: os poemas assumem um tom crepuscular, como um dia que chega ao fim e cuja luz vai diminuindo até que se extinga completamente. Tece-se, assim, uma comparação com a parte final da vivência humana, o que o poeta parece aceitar sem revolta, mas não sem questionamentos.

Entre os grandes eixos temáticos que se pode destacar na obra estão, como já se sugeriu, a maturidade do homem, que corresponde também à maturidade do poeta, o louvor à pátria, a seus símbolos e heróis e, finalmente, a figura feminina e o amor.



A maturidade do homem e de sua arte

O poema que abre *Tarde* é o bastante conhecido “Hino à tarde”. Nele – e o título não poderia ser mais claro – o poeta anuncia, já de entrada, que aquele conjunto de poemas vai tratar de um período específico da vida, nesse paralelo que se tece entre ela e os diferentes momentos do dia. Se, para os padrões atuais, Bilac seria considerado relativamente jovem à época em que compôs esses poemas (lembre-se de que ele faleceu com apenas 53 anos), para o mundo do início do século XX era considerado já em idade avançada, já no entardecer da existência. É normal, desse modo, que sua mente repousasse sobre questões como essa, que, de toda forma, é uma temática universal, em consonância com os anseios universalistas parnasianos. Eis como o poeta começa seu livro:

Hino à tarde

*Glória jovem do sol no berço de ouro em chamas,
Alva! Natal da luz, primavera do dia,
Não te amo! Nem a ti, canícula bravia,
Que a ti mesma te estruis no fogo que derramas!*

*Amo-te, hora hesitante em que se preludia
O adágio vespéral, – tumba que te recamas
De luto e de esplendor, de crepes e auriflamas,
Moribunda que ris sobre a própria agonia!*

*Amo-te, ó tarde triste, ó tarde augusta, que, entre
Os primeiros clarões das estrelas, no ventre,
Sob os véus do mistério e da sombra orvalhada,*

*Trazes a palpitante, como um fruto do outono,
A noite, alma nutriz da volúpia e do sono,
Perpetuação da vida e iniciação do nada.*

Esse soneto, escrito em versos alexandrinos, permite distinguir uma visão bastante desencantada da existência. O poeta vai dizer que não tem apego ao período matinal, associado ao começo da vida, nem ao momento de auge do dia (a “canícula bravia”), o que seria mais quente e poderia ser associado ao auge da vida de um homem. No lugar disso, o que o interessa, o que o faz cair de amores, é a tarde, associada ao período de envelhecimento. E seu amor se explica muito simples e racionalmente, a tarde cativa por ser ela um prenúncio da noite, que representa o fim, ou seja, a morte.

Glossário

- **Alva:** amanhecer.
- **Canícula:** época de calor muito forte da atmosfera, em determinada região.
- **Estruis:** destróis.
- **Preludia:** precede.
- **Adágio:** composição musical ou parte de obra musical caracterizada pela lentidão.
- **Vespéral:** referente à parte da tarde de um dia.
- **Recamas:** enfeitas.
- **Auriflamas:** com chamas douradas.
- **Moribunda:** que está agonizando, prestes a morrer.
- **Augusta:** digna de respeito ou veneração.
- **Nutriz:** a que nutre, que fornece o alimento.

A resignação e o negativismo podem ser claramente vistos na forma como o ocaso da vida é representado, ele é a “iniciação do nada”, isto é, não há o que se esperar depois da morte, apenas um estado de total inconsciência, também assimilado ao sono no poema. Como seria de se esperar de um poeta parnasiano, essas considerações sobre a vida não se fazem em termos corriqueiros, há a mobilização de toda uma linguagem séria e elevada para falar do tema, o que se pode perceber claramente pelo uso de vocábulos bastante raros ao longo do texto.

Outro poema bastante interessante para se observar a temática da maturidade, dessa vez mais voltada a uma reflexão sobre o próprio trabalho, é o soneto “Consolação”:

Consolação

*Penso às vezes nos sonhos, nos amores,
Que inflamei à distância pelo espaço;
Penso nas ilusões do meu regaço
Levadas pelo vento a alheias dores...*

*Penso na multidão dos sofredores,
Que uma bênção tiveram do meu braço:
Talvez algum repouso ao seu cansaço,
Talvez ao seu deserto algumas flores...*

*Penso nas amizades sem raízes,
Nos afetos anônimos, dispersos,
Que tenho sob os céus de outros países...*

*Penso neste milagre dos meus versos:
Um pouco de modéstia aos mais felizes,
Um pouco de bondade aos mais perversos...*

O eu lírico passa em revista, através de suas lembranças, os amores, as ilusões, os sofrimentos, os momentos de consolo, enfim, os afetos e os desafetos que causou. Mas – e é esta a surpresa que o leitor tem no último terceto – o “milagre” de mover tantos sentimentos tão distintos e em lugares tão diversos, é motivado pelos versos escritos, e não por ações externas à produção poética. Um texto que revela maturidade literária e que conta com um amplo reconhecimento de um número considerável de leitores, aludindo, ainda, à benevolência desses indivíduos e suas personalidades distintas.

Glossário

- **Inflamei:** exaltei, causei.
- **Regaço:** parte do corpo entre a cintura e os joelhos, na posição sentada; colo.

Glossário

- **Cismo:** penso com insistência.
- **Esperdicei:** desperdicei.
- **Mártir:** quem se sacrificou, ou foi morto, em nome de uma crença ou de um ideal.

Combinando melhor do que nenhum outro poema a reflexão sobre o envelhecer e sobre o que isso representa para a obra de um poeta, tem-se o poema “Remorso”:

Remorso

*Às vezes, uma dor me desespera...
Nestas ânsias e dúvidas em que ando,
Cismo e padeço, neste outono, quando
Calculo o que perdi na primavera.*

*Versos e amores sufoquei calando,
Sem os gozar numa explosão sincera...
Ah! mais cem vidas! com que ardor quisera
Mais viver, mais penar e amar cantando!*

*Sinto o que esperdicei na juventude;
Choro, neste começo de velhice,
Mártir da hipocrisia ou da virtude,*

*Os beijos que não tive por tolice,
Por timidez o que sofrer não pude,
E por pudor os versos que não disse!*

Mais um poema em que Bilac repassa seus dias idos, associando a juventude à primavera e a velhice, em que já considera estar, ao outono. O tom é carregado de negativismo, o passado significa perda, tempo e oportunidades desperdiçados, tanto para a vida quanto para a literatura (“Versos e amores sufoquei”). A velhice não serve como alento ou como oportunidade de recuperar o que se julga ter perdido, no lugar disso, é momento de um choro de desgosto por ter sido guiado, no passado, por convenções (“Choro, neste começo de velhice, / Mártir da hipocrisia ou da virtude,”. Resta, no fim das contas, apenas arrependimento pelo que não se fez e pelo que não se escreveu, nenhuma solução é antevista ou criada.

Como esses poemas, há muitos outros em *Tarde* nos quais Bilac vai abordar discussões semelhantes. É o caso de “Inocência”, “Fogo-fátuo”, “Sinfonia” e “Dualismo”, apenas para citar alguns exemplos. No todo, e a crítica literária já o afirma há bastante tempo quase que em unanimidade, a leitura desses sonetos pode ser um pouco decepcionante, visto que, se o tom e a linguagem são rebuscados e grandiloquentes, o assunto não é tratado nem com profundidade, nem com seriedade filosófica ou conceitual.

A pátria e seus símbolos

No contexto do início do século XX, com a recém instaurada República, era como se o Brasil houvesse sido fundado novamente, era preciso, então, repensar sua identidade e suas representações. Ainda que os parnasianos, em geral, tentassem não se imiscuir e nem a suas obras em questões políticas ou sociais, Bilac não se furtou a isso, mas o fez como típico parnasiano e como homem conservador que era, mostrando-se um amante da tradição pela tradição, considerada em si mesma como beleza. Pode-se encontrar um excelente exemplo desse nacionalismo grandiloquente no plano do discurso e seguro no plano do envolvimento político e social no soneto “Pátria”:

Pátria

*Pátria, latejo em ti, no teu lenho, por onde
Circulo! e sou perfume, e sombra, e sol, e orvalho!
E, em seiva, ao teu clamor a minha voz responde,
E subo do teu cerne ao céu de galho em galho!*

*Dos teus líquens, dos teus cipós, da tua fronde,
Do ninho que gorjeia em teu doce agasalho,
Do fruto a amadurar que em teu seio se esconde,
De ti, – rebento em luz e em cânticos me espalho!*

*Vivo, choro em teu pranto; e, em teus dias felizes,
No alto, como uma flor, em ti, pompeio e exulto!
E eu, morto, – sendo tu cheia de cicatrizes,*

*Tu golpeada e insultada, – eu tremerei sepulto:
E os meus ossos no chão, como as tuas raízes,
Se estorcerão de dor, sofrendo o golpe e o insulto!*

Glossário

- **Latejo:** palpito, pulso.
- **Lenho:** principal tecido de sustentação do caule e da raiz da planta e de condução da seiva bruta.
- **Clamor:** pedido insistente, súplica.
- **Cerne:** parte mais interior e dura do tronco das árvores, entre a medula e a casca.
- **Líquens:** divisão do reino vegetal que reúne organismos resultantes da associação simbiótica de um fungo com uma alga.
- **Fronde:** a ramagem das árvores, copa.
- **Gorjeia:** canta com voz harmoniosa.
- **Pompeio:** exibo, apresento com vaidade.
- **Estorcerão:** contorcerão.

O poema tece uma imagem de país deslocada de tudo aquilo que, em geral, é dele próprio ou que foi nele construído. O Brasil de Bilac é constituído a partir da descrição de uma natureza exuberante, à qual o poeta se vê emaranhado e confundido, a pátria é uma grande árvore, no seio da qual o poeta corre como se fosse parte de sua seiva. Essa assimilação é de tal modo profunda que o poeta diz que viveria e morreria aos pés dessa árvore. A abordagem distante e convencional do tema da pátria encontra, como esperado, uma dimensão muito mais eloquente na forma do soneto, composto em alexandrinos perfeitos e com esmerada escolha vocabular.

Mesmo quando decide representar uma figura de vulto na história nacional, Bilac escolhe fazê-lo em termos bastante convencionais, sem entrar em questões complicadas do ponto de vista histórico. O resultado é um personagem marcadamente plano, como ocorre com o Padre José de Anchieta, no soneto que leva seu nome:

Anchieta

*Cavaleiro da mística aventura,
Herói cristão! nas provações atrozes
Sonhas, casando a tua voz às vozes
Dos ventos e dos rios na espessura:*

*Entrando as brenhas, teu amor procura
Os índios, ora filhos, ora algozes,
Aves pela inocência, e onças ferozes
Pela bruteza, na floresta escura.*

*Semeador de esperanças e quimeras,
Bandeirante de “entradas” mais suaves,
Nos espinhos a carne dilaceras:*

*E, porque as almas e os sertões desbraves,
Cantas: Orfeu humanizando as feras,
São Francisco de Assis pregando às aves...*

Glossário

- **Mística:** diz-se do caráter misterioso, alegórico ou figurado das coisas religiosas.
- **Atroz**es: cruéis, difíceis de suportar.
- **Algozes:** pessoas que executam a pena de morte, ou que aplicam castigos corporais, torturas.
- **Quimeras:** fantasias, ilusões, utopias.

Ainda assim, o poema não deixa de ser belo, especialmente pelo epíteto que Bilac dá a Anchieta, “cavaleiro da mística aventura”, visto que ele esteve empenhado na empresa de desbravamento do Novo Mundo, a qual, para aqueles que o fizeram, era indissociável de sua dimensão mística, ou seja, da difusão do cristianismo através do território americano. O fundador da cidade de São Paulo é, desse modo, lembrado por ter enfrentado a vastidão de um continente desconhecido para cumprir aquilo que acreditava ser sua missão, difundir a religião cristã entre os povos que encontrou nessas novas terras. Sua expedição é comparada à de um bandeirante, ainda que menos sanguinária, e, por fim, Anchieta é relacionado a Orfeu, personagem mitológico que tinha a habilidade de encantar todas as coisas vivas e até pedras com sua música, e a São Francisco de Assis, que seria capaz de falar aos animais. Como é possível perceber, é um poema de louvação a uma figura histórica ligada à fundação do Brasil, nesse caso, e em se tratando de um texto bastante convencional, o interesse é em destacar apenas aquilo que exalte e engrandeça o país, não há lugar para personagens complexos e com facetas possivelmente vexatórias, apenas para o herói nacional puro e simples.

Um poema bastante conhecido, talvez o mais conhecido de *Tarde*, também se volta a um discurso laudatório de algo relacionado ao país, nesse caso a língua nele falada:



Língua portuguesa

Última flor do Lácio, inculca e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrol da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”,
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

A língua portuguesa é chamada de “última flor do Lácio” por ter sido, segundo o poeta, a última língua latina a se formar, seu caráter inculco advém de ela descender do latim falado e não do latim literário. De todo modo, ela é exaltada em sua beleza, ainda que para alguns, pelo seu mau uso, acabe representando uma “sepultura”. A seguir, Bilac glorifica a capacidade de a língua portuguesa ser tanto adequada a situações duras, como lutas e guerras, quanto conveniente em momentos de doçura e calma. Essa dualidade volta ainda uma vez no fim do poema, quando o eu lírico se dá conta de que o mesmo idioma em que ouviu ternas palavras de sua mãe é também aquele que o liga ao gênio de Camões, que, entre tantas utilizações, a teria empregado para chorar a distância de sua pátria. E, mesmo sendo a língua de Portugal, no primeiro terceto o eu lírico faz questão de dizer que o português também é a expressão “de virgens selvas e de oceano largo”, ou seja, é a linguagem que de tão bem adaptada ao Novo Mundo, passou a tê-lo como seu componente natural.

Glossário

- **Lácio:** região no centro da Itália, na costa do Mar Tirreno. Sua principal cidade, Roma, é a capital da Itália e foi o centro do antigo Império Romano.
- **Ganga:** em trabalho de mineração, resíduo de minério não aproveitável em uma jazida ou filão.
- **Tuba:** instrumento metálico de sopro, dotado de pistões, que produz som grave.
- **Clangor:** som forte e estridente de alguns instrumentos metálicos.
- **Lira:** instrumento de cordas, em forma de U.
- **Trom:** o som do canhão.
- **Silvo:** som agudo e prolongado, assobio.
- **Procela:** tempestade marítima, tormenta.
- **Arrolo:** o canto com que se faz adormecer a criança quando a embalam.
- **Viço:** aparência saudável e jovem de alguém, vigor.

A mulher e o amor

Em geral, para os poetas parnasianos, a mulher, ou melhor, o corpo feminino, já que ele raramente tem uma voz, uma personalidade, é descrita com extrema sensualidade, como se se tratasse de uma escultura viva, o que acaba por equipará-la a outros objetos precisos que esses mesmos poetas descrevem, como vasos, monumentos, tecidos etc.

Todavia, em *Tarde*, há que se apontar uma dimensão totalmente nova nessa poesia, que, em alguma medida, escapa ao convencionalismo parnasiano e mesmo ao que Bilac já havia feito em matéria de figuras femininas e relações amorosas em obras precedentes. Parece que nessa obra derradeira há uma tendência dessas figuras femininas de abandonarem suas posições passivas e submissas para assumirem uma posição de poder, de dominação. Essa mulher é representada como extremamente bela, mas igualmente cruel, uma vez que seduz o homem apenas para esmagá-lo em seguida. É o que se pode encontrar, por exemplo, no soneto “Samaritana”:

Samaritana

*Numa volta de estrada, em sede insana,
Vi-te. Ao lado, a frescura da cisterna.
E tinhas a expressão piedosa e terna,
Como na Bíblia, da Samaritana.*

*Deste-me de beber. Mas quanto engana,
Às vezes, a piedade, e a esmola infernal!
Deste-me de beber da fonte eterna,
De onde a torrente dos remorsos mana.*

*Com a água que me deste (que contraste
De ti para a mulher de Samaria!)
A boca e o coração me envenenaste:*

*Maior do que o da sede, este tormento,
Esta ânsia singular, esta agonia
Que é de saudade e de arrependimento!*



Glossário

- **Cisterna:** reservatório de água potável, localizado geralmente sob a terra.
- **Samaritana:** mulher natural ou habitante de Samaria, na Palestina, pertencente ao mesmo povo que o personagem de uma parábola de Jesus que representa um modelo de bondade e caridade.
- **Mana:** emana, provém.
- **A mulher de Samaria:** samaritana.

Em uma cena que retoma claramente a parábola bíblica do bom-samaritano (Lucas 10:25-37), mas em um contexto erótico, o poeta está sedento e perdido em uma estrada até que vê uma mulher ao lado de uma fonte de água. Associando-a logo à história contada por Jesus, em que o samaritano ajudou um necessitado além mesmo de suas possibilidades e sem esperar nada em troca, o poeta bebe contente da água de que tanto necessita, mas apenas para descobrir que o que essa samaritana aparentemente desinteressada lhe oferecia era um engano, no lugar de alívio da sede, a água da fonte trouxe um enorme tormento ao seu coração. Assim, a ideia que perpassa o poema é que, em uma relação amorosa, o cuidado do princípio apenas serve para atrair em direção a um fim de engano e desgosto. Essa visão bastante negativa do amor e mesmo da ação da mulher amada vai se repetir em inúmeros poemas, e até a natureza vai ser trazida como meio de referendar a constante da destruição do amante pela mulher/fêmea, como é o caso do soneto “Os amores da aranha”:

Os amores da aranha

*Com o veludo do ventre a palpitar hirsuto
E os oito olhos de brasa ardendo em febre estranha,
Vede-a: chega ao portal do intrincado reduto,
E na glória nupcial do sol se aquece e banha.*

*Moscas! podeis revoar, sem medo à sua sanha:
Mole e tonta de amor, pendente o palpo astuto,
E recolhido o anzol da mandíbula, a aranha
Ansiosa espera e atrai o amante de um minuto...*

*E ei-lo corre, ei-lo acode à festa e à morte! Um hino
Curto e louco, um momento, abala e inflama o fausto
Do aranhol de ouro e seda... E o agulhão assassino*

*Da esposa satisfeita abate o noivo exausto,
Que cai, sentindo a um tempo, – invejável destino!
A tortura do espasmo e o gozo do holocausto.*

Glossário

- **Hirsuto:** que tem os pelos longos, grossos e duros.
- **Intrincado:** confuso, complicado.
- **Palpo:** apêndice articulado e móvel da boca ou do maxilar de insetos.
- **Fausto:** luxo, pompa, ostentação
- **Agulhão:** ferrão presente na extremidade de alguns insetos.
- **Holocausto:** sacrifício, expiação.

Como é possível constatar, todos os esforços da aranha têm por objetivo conquistar o macho, ainda que pelo breve momento de que necessita para consumir essa união (“Ansiosa espera e atrai o amante de um minuto...”). A fêmea representa um perigo apenas para aquele que deseja, mesmo as moscas, suas presas habituais, são deixadas de lado (“Moscas! podeis revoar, sem medo à sua sanha:”). Não bastasse buscar esse exemplo na natureza para confirmar o universalismo de sua teoria sobre a mulher e sobre o amor, o poeta desencantado de *Tarde* ainda traz outro poema bastante semelhante (“Os amores da abelha”), mas cujos protagonistas são a abelha e o zangão, este último termina por conhecer o mesmo destino que a aranha macho.

QUESTÕES

1. EsPCEx-SP 2019 Os parnasianos acreditavam que, apoiando-se nos modelos clássicos, estariam combatendo os exageros de emoção e fantasia do Romantismo e, ao mesmo tempo, garantindo o equilíbrio que almejavam. Propunham uma poesia objetiva, de elevado nível vocabular, racionalista, bem-acabada do ponto de vista formal e voltada para temas universais. Esse racionalismo, que enfrentava os “exageros de emoção” e fixava-se no formalismo, fica bem claro na seguinte estrofe parnasiana de Olavo Bilac:

- A) E eu vos direi: “Amai para entendê-las!/Pois só quem ama pode ter ouvido/Capaz de ouvir e de entender estrelas.”
- B) Não me basta saber que sou amado,/Nem só desejo o teu amor: desejo/Ter nos braços teu corpo delicado,/Ter na boca a doçura de teu beijo.
- C) Pois sabeí que é por isso que assim ando:/Que é dos loucos somente e dos amantes/Na maior alegria andar chorando.
- D) Mas que na forma se disfarce o emprego/Do esforço; e a trama viva se construa/De tal modo, que a imagem fique nua,/Rica, mas sóbria, como um templo grego.
- E) Esta melancolia sem remédio,/Saudade sem razão, louca esperança/Ardendo em choros e findando em tédio.

» Texto para as questões de 2 a 5.

A(s) questão(ões) tomam por base um trecho da conferência “Sobre algumas lendas do Brasil”, de Olavo Bilac (1865-1918), e um soneto do mesmo autor, utilizado por ele para ilustrar seus argumentos.

Sendo cada homem todo o universo, tem dentro de si todos os deuses, todas as potestades superiores e inferiores que dirigem o universo. (Tudo, se existe objetivamente, é porque existe subjetivamente; tudo existe em nós, porque

tudo é criado e alimentado por nós). E esta consideração nos leva ao assunto e à explanação do meu tema. Existem em nós todas as entidades fantásticas, que, segundo a crença popular, enchem a nossa terra: são sentimentos humanos, que, saindo de cada um de nós, personalizam-se, e começam a viver na vida exterior, como mitos da comunhão.

Tupã, demiurgo criador, e o seu Anhangá, demiurgo destruidor. É o eterno dualismo, governando todas as fases religiosas, toda a história mitológica da humanidade. Já entre os persas e os iranianos, na religião de Zoroastro, havia um deus de bondade, Ormuz, e um deus de maldade, Ahriman. A religião de Manés, na Babilônia, não criou a ideia do dualismo; acentuou-a, precisou-a; a base da religião dos maniqueus era a oposição e o contraste da luz e da treva: o mundo visível, segundo eles, era o resultado da mistura desses dois elementos eternamente inimigos. Mas em todos os grandes povos, e em todas as pequenas tribos, sempre houve, em todos os tempos, a concepção desse conflito: e esse conflito perdura no catolicismo, fixado na concepção de Deus e do Diabo. Os nossos índios sempre tiveram seu Tupã e o seu Anhangá... Ora, o selvagem das margens do Amazonas, do São Francisco e do Paraná compreende os dois demiurgos, porque os sente dentro de si mesmo. E nós, os civilizados do litoral, compreendemos e contemos em nós esses dois princípios antagônicos, Deus e o Diabo. Cada um de vós tem uma arena íntima em que a todo o instante combatem um gênio do bem e um gênio do mal:

*Não és bom, nem és mau: és triste e humano...
Vives ansiando em maldições e preces,
Como se, a arder, no coração tivesses
O tumulto e o clamor de um largo oceano.*

*Pobre, no bem como no mal, padeces;
E, rolando num vórtice vesano*,
Oscilas entre a crença e o desengano,
Entre esperanças e desinteresses.*

*Capaz de horrores e de ações sublimes,
Não ficas das virtudes satisfeito,
Nem te arrependes, infeliz, dos crimes:*

*E, no perpétuo ideal que te devora,
Residem juntamente no teu peito
Um demônio que ruga e um deus que chora...*

(Últimas conferências e discursos, 1927.)

*Vesano: louco, demente, delirante, insensato.

2. Unesp 2014 O conferencista Olavo Bilac sugere que, apesar da diferença de credos, as religiões se filiam a um mesmo princípio. Que princípio é esse e o que origina no âmbito religioso?

3. Unesp 2014 Indique a pessoa gramatical dos verbos empregados no soneto e identifique, no plano do conteúdo, a quem o eu lírico se dirige por meio dessa pessoa gramatical.

4. Unesp 2014 No soneto, Bilac explicita sua concepção do homem. Apresente o aspecto mais importante dessa concepção.

5. Unesp 2014 *E nós, os civilizados do litoral, compreendemos e contemos em nós esses dois princípios [...].* Qual a forma infinitiva do verbo destacado e em que tempo e modo está flexionado?

6. UFPE 2013 Ainda que o fazer poético seja um tema recorrente na Literatura Brasileira, suas diversas concepções são apresentadas de modo diferenciado de época para época. Assim, a partir da leitura dos poemas adiante, analise as proposições seguintes.

Texto I

*Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!
Mas que na forma se disfarce o emprego*

*Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua
Rica mas sóbria, como um templo grego.
Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E natural, o efeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edifício:
Porque a Beleza, gêmea da Verdade
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.*

(Olavo Bilac – A um poeta)

Texto II

*Catar feijão se limita com escrever:
jogam-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na folha de papel;
e depois joga-se fora o que boiar.*

[...]

*Ora, nesse catar feijão entra um risco:
O de que entre os grãos pesados entre
Um grão qualquer, pedra ou indigesto,
Um grão imastigável, de quebrar dente.*

*Certo não, quando ao catar palavras:
A pedra dá à frase seu grão mais vivo;
Obstrui a leitura fluviante, flutual,
Açula a atenção, isca-a com o risco.*

(João Cabral de Melo Neto – Catar Feijão)

- Para Olavo Bilac, criar poemas exige esforço. Em *A um poeta*, ele afirma que o escritor deve ser como um monge beneditino, pois a boa poesia resulta unicamente do silêncio e do isolamento, razão pela qual estabelece uma relação do poeta com um monge.
- Enquanto Bilac não apresenta preocupação formal com o fazer poético, o qual se restringe a uma perspectiva conteudística, própria da estética parnasiana, João Cabral se revela um perfeito engenheiro, para quem catar feijão metaforiza a produção escrita.

- Olavo Bilac apresenta uma concepção estética aristocrática; João Cabral parte da similitude entre o ofício do poeta e a atividade de catar feijão. Assim, o poeta pernambucano, se alinha com o Modernismo, enfatizando o cotidiano, a vida simples, o dia a dia.
- Nas duas últimas estrofes, João Cabral revela que o poético resulta não apenas da forma, mas também do efeito que o texto pode provocar no leitor, o que traduz uma perspectiva bem mais contemporânea, ou seja, a valorização do texto de acordo com sua recepção.
- Os dois poemas, escritos em épocas distintas, se constroem por uma linguagem que discorre sobre si mesma; daí, serem designados como metapoemas, ainda que apresentem diferentes pontos de vista sobre o mesmo tema.

➤ Textos para a questão 7.

Vila Rica

O ouro fulvo¹ do ocaso² as velhas casas cobre;
Sangram, em laivos³ de ouro, as minas, que a
[ambição

Na torturada entranha abriu da terra nobre:
E cada cicatriz brilha como um brasão.

O ângelus⁴ plange⁵ ao longe em doloroso dobre⁶.
O último ouro do sol morre na cerração⁷.
E, austero, amortalhando a urbe⁸ gloriosa e
[pobre,
O crepúsculo cai como uma extrema-unção.

Agora, para além do cerro⁹, o céu parece
Feito de um ouro ancião que o tempo enegreceu...
A neblina, roçando o chão, cicia¹⁰, em prece,

Como uma procissão espectral¹¹ que se move...

Dobra o sino... Soluça um verso de Dirceu...

Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove.

BILAC, Olavo. "Melhores poemas". Seleção de Marisa Lajolo.
4. ed. São Paulo: Global, 2003. p. 105.
(Coleção Melhores poemas)

¹ fulvo: dourado

² ocaso: pôr-do-sol

³ laivos: vestígios

⁴ ângelus: hora da Ave-Maria

⁵ plange: chora, soa tristemente

⁶ dobre: toque dos sinos

⁷ cerração: nevoeiro

⁸ urbe: cidade

⁹ cerro: colina, morro

¹⁰ cicia: murmura, sussurra

¹¹ espectral: fantasmagórico

Velho sobrado

Um montão disforme. Taipas¹ e pedras,
abraçadas a grossas aroeiras,
toscamente esquadriadas.

Folhas de janelas.

Pedaços de batentes².

Almofadados de portas.

Vidraças estilhaçadas.

Ferragens retorcidas.

Abandono. Silêncio. Desordem.

Ausência, sobretudo.

O avanço vegetal acoberta o quadro.

Carrapateiras cacheadas.

São-caetano com seu verde planejamento,

pendurado de frutinhas ouro-rosa.

Uma bucha de cordoalha enfolhada,

berrante de flores amarelas

cingindo tudo.

[...]

*Gente que passa indiferente,
olha de longe,
na dobra das esquinas,
as traves que despencam.
— Que vale para eles o sobrado?
Quem vê nas velhas sacadas
de ferro forjado
as sombras debruçadas?
Quem é que está ouvindo
o clamor, o adeus, o chamado?...
Que importa a marca dos retratos na parede?
Que importam as salas destelhadas,
e o pudor das alcovas devassadas...
Que importam?*

*E vão fugindo do sobrado,
aos poucos,
os quadros do Passado.*

CORALINA, Cora. "Melhores poemas".
São Paulo: Global Editora, 2004. p. 58, 63-64.
(Coleção Melhores poemas)

¹ taipas: paredes feitas de barro

² batentes: estruturas em que portas e janelas se encaixam

7. UFG Nos poemas apresentados, Olavo Bilac e Cora Coralina tematizam o declínio de uma época importante da história brasileira.

- Que época e quais locais são retratados nos dois poemas?
- Explique como se comportam as vozes poéticas, em cada poema, relativamente à decadência apresentada.

⇒ Texto para a questão 8.

*Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edifício:*

*Porque a Beleza, gêmea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.*

8. Unifesp Os versos denunciam

- vocabulário simples e pouca preocupação com as qualidades técnicas do poema, já que as sugestões sonoras não estão neles presentes.
- emoção expressa racionalmente, embora seja bastante evidente o caráter subjetivo na construção das imagens.
- a busca da perfeição na expressão, visando ao universalismo, como exemplificam os termos Beleza e Verdade, grafados com maiúsculas.
- o afastamento da realidade social, decorrente de uma visão idealizada do mundo, descrito por metáforas pouco objetivas.
- a forma de expressão pouco idealizada, resultante de uma concepção de mundo marcada pela complexidade que, nos versos, se manifesta em vocabulário seletivo.

⇒ Textos para a questão 9.

Os velhos

Carlos Drummond de Andrade

*Todos nasceram velhos – desconfio.
Em casas mais velhas que a velhice,
em ruas que existiram sempre – sempre
assim como estão hoje
e não deixarão nunca de estar:
soturnas e paradas e indelévels
mesmo no desmoronar do Juízo Final.
Os mais velhos têm 100, 200 anos
e lá se perde a conta.
Os mais novos dos novos,
não menos de 50 – enormidade.
Nenhum olha para mim.
A velhice o proíbe. Quem autorizou
existirem meninos neste largo municipal?
Quem infringiu a lei da eternidade
que não permite recomeçar a vida?
Ignoram-me. Não sou. Tenho vontade
de ser também um velho desde sempre.*

*Assim conversarão
comigo sobre coisas
seladas em cofre de subentendidos
a conversa infundável de monossílabos, resmungos,
tosse conclusiva.*

Nem me veem passar. Não me dão confiança.

Confiança! Confiança!

*Dádiva impensável
nos semblantes fechados,
nos felpudos redingotes,
nos chapéus autoritários,
nas barbas de milénios.*

*Sigo, seco e só, atravessando
a floresta de velhos.*

ANDRADE, Carlos Drummond. *Boitempo II*.
São Paulo: Record, 1986.

Velhas árvores

Olavo Bilac

*Olha estas velhas árvores, mais belas
Do que as árvores moças, mais amigas,
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas...*

*O homem, a fera e o inseto, à sombra delas
Vivem, livres da fome e de fadigas:
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E os amores das aves tagarelas.*

*Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo. Envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem,*

*Na glória de alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!*

BILAC, Olavo. *Velhas Árvores*. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/bilac3.html#velhas>. Acesso: 24.9.17.

9. Uece 2018 Quanto à linguagem empregada nos poemas *Os velhos* e *Velhas árvores*, é correto afirmar que

- A** ambos respeitam o rigor formal da métrica do verso clássico.
- B** enquanto o poema de Carlos Drummond expressa contentamento com a velhice, o de Olavo Bilac acentua o aspecto da solidão e da tristeza nesta fase da vida.
- C** os poemas procuram ater-se a uma linguagem cheia de coloquialismos para manterem-se mais próximos dos leitores.
- D** os versos do poema de Drummond, apesar de serem escritos no padrão culto da língua portuguesa, não têm o mesmo tom elevado da linguagem rebuscada dos versos do poema de Bilac.

➤ Texto para a questão 10.

A pátria

*Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!
Criança! não verás nenhum país como este!
Olha que céu! que mar! que rios! que floresta!
A Natureza, aqui, perpetuamente em festa,
É um seio de mãe a transbordar carinhos.
Vê que vida há no chão! vê que vida há nos ninhos,
Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos!
Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!
Vê que grande extensão de matas, onde impera,
Fecunda e luminosa, a eterna primavera!
Boa terra! jamais negou a quem trabalha
O pão que mata a fome, o teto que agasalha...*

*Quem com o seu suor a fecunda e umedece,
Vê pago o seu esforço, e é feliz, e enriquece!*

*Criança! não verás país nenhum como este:
Imita na grandeza a terra em que nasceste!*

BILAC, O. *Poesias infantis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929.

10. Enem 2015 Publicado em 1904, o poema *A pátria* harmoniza-se com um projeto ideológico em construção na Primeira República. O discurso poético de Olavo Bilac ecoa esse projeto, na medida em que

- A a paisagem natural ganha contornos surreais, como o projeto brasileiro de grandeza.
- B a prosperidade individual, como a exuberância da terra, independe de políticas de governo.
- C os valores afetivos atribuídos à família devem ser aplicados também aos ícones nacionais.
- D a capacidade produtiva da terra garante ao país a riqueza que se verifica naquele momento.
- E a valorização do trabalhador passa a integrar o conceito de bem-estar social experimentado.

11. Com relação ao Parnasianismo, são feitas as seguintes afirmações:

- I. Pode ser considerado um movimento antirromântico pelo fato de retomar muitos aspectos do racionalismo clássico.
- II. Apresenta características que contrastam com o esteticismo e o culto da forma.
- III. Definiu-se, no Brasil, com o livro “Poesias”, de Olavo Bilac, publicado em 1888.

Quais estão corretas?

- A Apenas I.
- B Apenas II.
- C Apenas I e III.
- D Apenas II e III.
- E I, II e III.

➤ Texto para as questões 12 e 13.

Música brasileira

*Tens, às vezes, o fogo soberano
Do amor: encerras na cadência, acesa
Em requebros e encantos de impureza,
Todo o feitiço do pecado humano.*

*Mas, sobre essa volúpia, erra a tristeza
Dos desertos, das matas e do oceano:
Bárbara poracé, banzo africano,
E soluços de trova portuguesa.*

*És samba e jongo, xiba e fado, cujos
Acordes são desejos e orfandades
De selvagens, cativos e marujos:*

*E em nostalgias e paixões consistes,
Lasciva dor, beijo de três saudades,
Flor amorosa de três raças tristes.*

Olavo Bilac. OBRA REUNIDA.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

12. A partir da leitura do poema, julgue os itens abaixo.

- O poeta emprega a segunda pessoa gramatical – tu – referindo-se à mulher brasileira, cuja sensualidade destaca, por exemplo, no verso 3.
- A segunda estrofe faz referência a características do povo brasileiro: sensualidade, melancolia e solidão.
- São destacados no texto: a musicalidade dos índios, a melancolia dos negros e o lirismo dos portugueses.
- No verso 6, as referências às “três raças tristes” ocorrem na mesma ordem em que aparecem no verso 11.

13. Com base na leitura do poema e sabendo que Olavo Bilac é um dos maiores expoentes da poesia parnasiana no Brasil, julgue os itens que se seguem.

- São características do Parnasianismo, presentes no poema: a arte pela arte, a impassibilidade, a economia vocabular, a poesia descritiva, a revalorização da mitologia.
- Música brasileira é um exemplo de poema de forma fixa.
- Em “o fogo soberano / Do amor” (v.1-2), tem-se um exemplo de metáfora.
- O ritmo do verso 3 é binário, em uma alusão ao movimento dos quadris femininos.
- A rima entre “cujos” (v.9) e “marujos” (v.11) classifica-se como rica.

GABARITO

1. D

Alternativa A: incorreta. Esses versos contrariam a “poesia objetiva e racionalista” dos parnasianos, uma vez que o eu lírico se diz “capaz de ouvir e entender estrelas”.

Alternativa B: incorreta. Tais versos contrariam o combate aos “exageros de emoção e fantasia” defendido pelos parnasianos, como se percebe em “desejo/Ter nos braços teu corpo delicado,/Ter na boca a doçura de teu beijo”.

Alternativa C: incorreta. Esses versos contrariam a “poesia objetiva e racionalista” dos parnasianos, uma vez que o eu lírico defende que “é dos loucos somente e dos amantes/Na maior alegria andar chorando”.

Alternativa D: correta. A defesa da poesia “bem-acabada do ponto de vista formal” é explícita nos versos, “Mas que na forma se disfarce o emprego/Do esforço”.

Alternativa E: incorreta. Tais versos não apresentam a contenção emocionada defendida pelos parnasianos, como se verifica em “Saudade sem razão, louca esperança/Ardendo em choros e findando em tédio”.

2. Olavo Bilac refere-se ao dualismo, teoria de cunho filosófico segundo a qual a realidade e a natureza humana estão divididas em dois princípios fundamentais e antagônicos: bem × mal, essência × aparência, corpo × espírito etc. Como base argumentativa, o autor cita exemplos de várias mitologias e religiões em que o antagonismo das divindades é constante (Tupã × Anhangá, Ormuz × Ahriman, Deus × Diabo) para chegar à conclusão de que essa dualidade é inerente à condição humana (“Cada um de vós tem uma arena íntima em que a todo o instante combatem um gênio do bem e um gênio do mal”).

3. No soneto, predominam os verbos na segunda pessoa do singular (tu), indicando que a mensagem é direcionada para o interlocutor, o leitor, e, por extensão, para qualquer ser humano.

4. Segundo Bilac, o homem contém em si aspectos positivos e negativos, ou seja, é capaz de realizar obras sublimes e também de desencadear tragédias e provocar horrores, sendo muitas vezes incapaz de ser autônomo na decisão de tomar este ou aquele caminho (Pobre, no bem como no mal, padeces;/E, rolando num vórtice vesano,/Oscilas entre a crença e o desengano,/Entre esperanças e desinteresses”).

5. A forma verbal “contemos” pertence ao verbo “conter” e está flexionada na primeira pessoa do plural do tempo presente (expressa o momento da enunciação) do modo indicativo (apresenta a ação como um fato).

6. F – F – V – V – V

Primeira afirmativa: incorreta. Para Olavo Bilac, o poeta deve, como um monge beneditino, afastar-se do “turbilhão da rua”, no entanto, isso não é suficiente para que seja um bom poeta. Deve, como um operário que constrói um edifício, trabalhar arduamente (“Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!”).

Segunda afirmativa: incorreta. Como representante do Parnasianismo, Olavo Bilac demonstra sua preocupação formal no poema: soneto decassílabo. Por outro lado, o poema de João Cabral não apresenta nem rima nem métrica.

7. a) A época representada é a do declínio do ciclo do ouro, em ambos os poemas. No poema de Olavo Bilac, o local retratado é Vila Rica/Ouro Preto, em Minas Gerais, e no de Cora Coralina é a Cidade de Goiás/Vila Boa, em Goiás.

b) Em “Vila Rica”, a voz poética apresenta, em tom melancólico, a decadência de Vila Rica. Já em “Velho sobrado”, a voz poética apresenta, em tom crítico, a decadência de Goiás Velho.

8. C

Alternativa A: incorreta. Os versos empregam linguagem bastante elaborada e incentivam a busca de extrema qualidade técnica do poema.

Alternativa B: incorreta. O trecho trata apenas da dimensão técnica do poema, sem sugerir a abordagem de emoções ou subjetividade.

Alternativa D: incorreta. Mais uma vez, o trecho trata apenas da dimensão técnica do poema.

Alternativa E: incorreta. Não se fala, no trecho selecionado, sobre a concepção de mundo que se deve adotar.

9. D

Alternativa A: incorreta. Em *Os velhos*, não há padronização de verso.

Alternativa B: incorreta. Em *Velhas árvores*, o eu lírico afirma que as árvores mais antigas são mais belas, logo há beleza na velhice.

Alternativa C: incorreta. Ambos os poemas empregam padrão culto da língua.

Alternativa D: correta. É característica de Bilac, autor Parnasiano, a preocupação formal e o emprego de linguagem elevada em suas produções.

10. B

No poema de Bilac, são exaltadas as belezas naturais do Brasil (“Olha que céu! Que mar! Que rios! Que floresta!”) e a capacidade produtiva da terra (“Boa terra! Jamais negou a quem trabalha/ O pão que mata a fome, o teto que agasalha”). Os versos “Quem com o seu suor a fecunda e umedece,/Vê pago o seu esforço, e é feliz, e enriquece!” expressam a opinião do poeta de que a exuberância da terra permitia por si só a prosperidade individual, independentemente de políticas do governo.

11. C

Afirmção II: incorreta. São características do parnasianismo justamente o esteticismo e o culto da forma, ou seja, a valorização da linguagem preciosa e sua dimensão formal.

12. F – V – V – F

Primeira afirmativa: incorreta. O poeta refere-se à música brasileira e não à mulher.

Quarta afirmativa: incorreta. No verso 6 a ordem seria “negro, índio e português”, enquanto no verso 11 seria “índio, negro e português”.

13. F – V – V – F – V

Primeira afirmativa: incorreta. Não há revalorização da mitologia no poema.

Quarta afirmativa: incorreta. O ritmo do verso não é binário (é um decassílabo heroico, acentuado na sexta e na décima sílabas, com um acento secundário na terceira sílaba poética).

AOL

Análise de Obras Literárias

O estudo das obras promove a compreensão e o aprofundamento do texto, revela as intenções de cada autor e elucida as características da escola literária da qual a obra faz parte. Ler é condição fundamental para compreender o mundo, os seres, os fenômenos e os acontecimentos. Entender e desvendar uma obra é compreender o prazer da leitura e da busca de novos saberes. É encontrar a beleza da essência de cada autor.

sistemapoliedro.com.br

São José dos Campos-SP
Telefone: 12 3924-1616
editora@sistemapoliedro.com.br

